

O método d'O Passo: entrevista com Lucas Ciavatta



Inês Rocha¹

Colégio Pedro II

ines.rocha2006@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1367-5336>

João Lanzillotti²

Colégio Pedro II

joao.lanzillotti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9809-808X>

Ricardo Szpilman³

Colégio Pedro II

ricardo@szpilman.com

<https://orcid.org/0000-0002-9360-8626>

O professor Lucas Ciavatta é o nosso entrevistado da *Interlúdio*, volume 7, número 11.

A entrevista aconteceu por um contato direto dos editores com o autor via *online* 20 de março e 15 de junho de 2019. O tema abordado foi especificamente o método de sua autoria, O Passo. O entrevistado nos informa sobre a criação e desenvolvimento do método, além de novidades sobre as atualizações dessa proposta. Lucas Ciavatta revela, também, seu pensamento sobre as perspectivas adotadas por algumas pessoas que participam diretamente com ele na utilização d'O Passo e como o método foi e vem sendo apropriado pelos professores no Brasil e no mundo. Ao final, buscamos saber sobre novos projetos e direcionamentos que vem sendo fomentados pelo autor e por colaboradores para e com O Passo.

1 Professora e Coordenadora de Educação Musical do Colégio Pedro II – *campus* Centro desde 1993. É Doutora em Educação (UERJ) e Mestre em Música (CBM-CEU). É professora colaboradora permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da UNIRIO. Integra o naipe de soprano do Coro de Câmara da Pro-Arte.

2 Professor e Coordenador de Educação Musical do Colégio Pedro II – *campus* São Cristóvão I. É Doutor em Educação (UERJ) e Mestre em Música (UFRJ). Violonista, guitarrista e arranjador, tem desenvolvido ao longo dos anos ensino coletivo desses instrumentos nos mais diversos níveis e formatos, especialmente associados à prática de conjunto. Pesquisa Infância e Música.

3 Professor e Coordenador de Educação Musical do Colégio Pedro II – *campus* São Cristóvão II. É Mestre em Música (UNIRIO), Regente Coral, Compositor premiado e Arranjador. Lançou em 2003 o Livro (port/ingl) 7 Canções Judaicas Arranjadas para Coral e em 2015 o volume 2 (port/esp/ingl). Estudou Regência Coral e Análise Musical na Pro Arte, nas classes do maestro Carlos Alberto Figueiredo. Toca Sax no Bloco Céu na Terra e no Rancho Praça Onze Klezmer Carioca, onde também é o maestro.

Ao falar do método, o entrevistado/autor trata de importantes assuntos para o campo da educação musical, tais como, o trabalho docente e a pedagogia musical, projetos, diversidade de culturas, direitos humanos e analfabetismo musical.

O Passo: sua origem, história e peculiaridades

Interlúdio: Você poderia explicar o que é O Passo? Porque você o considera um método?

Lucas Ciavatta: A origem etimológica da palavra método é “caminho”. Nesse sentido, o de ser uma forma pela qual alguém sai de um lugar a vai a outro, tenho considerado O Passo como um método. Poderíamos também dizer, como disse um grande amigo, o professor Frank Abrahams, uma “abordagem multisensorial”. Gosto também de “caixa de ferramentas”. Prefiro “método”, até porque vejo muitos professores com medo dessa palavra. Sem entender que há sempre diferentes formas de trilhar o mesmo “caminho”. Sem considerar fortemente que quando você sai para caminhar num terreno com o qual você não está familiarizado, seu guia não vai andar por você e nem dizer quais coisas você viverá no caminho, mas ele tem que assumir a responsabilidade de não deixar que você se perca.



Interlúdio: Sabemos que seus alunos do Oga Mitá foram importantes na gênese de O Passo. Sabemos também que você atuou como monitor do professor Silvio Mehry, na classe de Harmonia ao Teclado e com aulas particulares de piano. Dificuldades rítmicas que os alunos de piano apresentaram nas aulas também foram motivadoras para o desenvolvimento de O Passo?

Lucas Ciavatta: A Escola Oga Mitá (não apenas os alunos, mas também a direção e a equipe de professores) foi fundamental no desenvolvimento d'O Passo. Uma menção importante deve ser feita para os alunos de uma turma do 4º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UERJ que em 1996 me ajudaram a criar O Passo. Toparam ver onde iam dar todas aquelas experiências e foram a primeira formação do Bloco d'O Passo. Foram eles que se apresentaram, em 1998, numa festa na Oga Mitá, e me ajudaram a abrir uma porta lá.

E antes disso, no início dos anos 90, o desafio proposto pela pedagoga montessoriana Maria Thereza Jorand para dar aulas de música para uma turma de 10 crianças surdas, na sua escola, a Colméia, que ficava na Urca.

A experiência como monitor do professor Silvio Mehry foi importantíssima na minha passagem pela UNIRIO. Mas foi mais importante para algo que começou antes d'O Passo: minha formação como professor. Lembro que quando me convidou e me viu duvidando da minha própria capacidade, o Silvio me disse com uma inexplicável tranquilidade: “Não se preocupe, você vai conseguir”. Outra pessoa fundamental no meu caminho dentro da UNIRIO foi a professora Regina Marcia Simão Santos. É dela o primeiro depoimento sobre O Passo (que está na contracapa do meu livro) e ainda o mais completo e atual.

Interlúdio: Podemos dizer que o trabalho desenvolvido por Émile Jacques-Dalcroze é uma inspiração para O Passo? O que você identifica em seu método com o método Dalcroze?

Lucas Ciavatta: Essa é uma pergunta que volta e meia me fazem. Entendo, mas a verdade é que quando criei O Passo conhecia muito pouco de Dalcroze. É importantíssimo não cansar de repetir que O Passo (assim como Dalcroze, acredito eu) tem sua maior inspiração na cultura popular. A cultura popular, brasileira e mundo afora, nunca esqueceu que corpo e mente devem andar juntos, que música e dança tem origens comuns.

Quando entrei para o mestrado, li atentamente “Ritmo, música e educação”, de Dalcroze. Fiquei muito surpreso e feliz ao ver que as perguntas que ele se fez eram exatamente as que eu me fazia. No entanto, as respostas não eram. Ao menos, não exatamente. Com o tempo, entrando em contato com a parte prática do seu trabalho e com profissionais que trabalham com seu método, incluindo aí uma professora do Instituto Dalcroze de Genebra, que fez um curso meu na França (com uma energia e uma competência maravilhosas), tive cada vez mais confirmações de que O Passo é diferente de Dalcroze. Talvez a diferença básica esteja em que Dalcroze decidiu investigar variadas formas de deslocamento e O Passo é uma investigação do andar. Única e exclusivamente, do andar. Nesse sentido, O Passo está mais ligado ao Tai Chi Chuan, uma arte marcial chinesa que pratico desde os 16 anos. Da forma como o aprendi, o Tai Chi é um reaprender a andar, assim como O Passo.

Algo muito importante para a criação d'O Passo foi ter na minha infância uma educação montessoriana, em casa e na escola criada por minha mãe, Maria Ciavatta (filósofa, educadora e pesquisadora da UFF). Só me dei conta de como isso foi relevante para o meu trabalho como educador há alguns anos atrás.

Interlúdio: Quais as características do método O Passo que o fazem único?

Lucas Ciavatta: O Passo não é um simples andar. O Passo não é uma dança. O Passo é um modelo de regência com os pés. Isso muda tudo. O Passo é o que nos permite fazer uma notação corporal e associá-la a uma notação gráfica através de uma notação oral. Essa articulação entre esses três tipos de notação é poderosíssima e faz d'O Passo algo, até onde eu consegui ir, único.

Interlúdio: Você pode formular os princípios fundamentais do Passo?

Lucas Ciavatta: O Passo tem dois princípios: inclusão e autonomia. E quatro pilares: corpo, imaginação, grupo e cultura. "Inclusão" quer dizer: todo mundo, nenhum a menos. "Autonomia" quer dizer: "contar com alguém" não deve ser confundido com "depende de alguém". "Corpo" fala de uma unidade autônoma construção de conhecimento. "Imaginação" fala de todas as imagens com as quais elaboramos nossa experiência no mundo, musical ou não. "Grupo" afirma que o grupo fortalece o indivíduo na mesma medida em que cada indivíduo fortalece o grupo. "Cultura" nos ajuda a pensar onde está, de onde vem e pra onde vai a música que fazemos.

Interlúdio: Que considerações você teria a fazer sobre os diversos usos e aplicações que professores de música vem fazendo de atividades iniciais do método Passo?

Lucas Ciavatta: Temos nos preocupado, no curso de formação d'O Passo, em não simplesmente formar "professores d'O Passo", mas principalmente "pensadores d'O Passo". Pessoas que continuem a desenvolver O Passo mesmo daqui a muito tempo. Nesse sentido, O Passo está vivo. Estamos sempre prontos e dispostos a criar novas folhas, novos exercícios e, principalmente, novas formas de estudar as folhas e os exercícios já criados.

Tendo isso em mente, digo: por favor, usem, experimentem! No entanto, há no meu livro, uma advertência, que gosto muito, para qualquer um que queira trabalhar com O Passo: procure sempre equilibrar ousadia com humildade e auto-estima com gratidão.

O Passo na cultura e no mundo

Interlúdio: Já faz muitos anos que você desenvolveu o método e vem divulgando-o em diversos lugares do mundo. Como vem sendo o desenvolvimento do Passo em diferentes espaços, regiões do Brasil e outros países? Algo te surpreende nessas experiências?

Lucas Ciavatta: Acho que o que mais me surpreendeu quando eu comecei a sair do Rio e, mesmo dentro do Brasil, comecei a entrar em contato com outras culturas diferentes da minha, foi a

parte "humana" d'O Passo. Nesse sentido, O Passo, mesmo tendo a "cultura" como um de seus pilares, muitas vezes transcende o "cultural" e nos fala do "natural". Sim, nada na música é natural, tudo é cultural. Mas a pulsação, que embasa a quase totalidade dos fazeres musicais mundo afora é natural. O ser humano pulsa porque anda, porque é bípede. Como O Passo só depende de que você consiga andar (fazendo aqui um parêntese para dizer que temos cada vez mais experiência com pessoas que não sabem ou não podem andar), não existe dúvida de como será quando alguém for trabalhar com O Passo no deserto de Gobi. Importante dizer que o repertório é circunstancial e O Passo não quer dar conta disso. Já vi pessoas fazendo O Passo no Chile exatamente como algumas que vi na Áustria, pessoas que faziam O Passo em Sobral exatamente como algumas que vi num subúrbio de Chicago. Isso nos une. É o que temos em comum. Isso nos faz perceber como somos simplesmente humanos e como isso deveria ser suficiente para andarmos juntos.

Interlúdio: Como o método O Passo pode ser utilizado em contextos de diversidades culturais, na perspectiva decolonial?

Lucas Ciavatta: Todas as culturas têm uma forma de organizar seu fazer musical. Podemos não entender e até mesmo considerar esta ou aquela forma não tão clara ou com menor alcance que a nossa forma de organizar. Mas é fundamental ter em mente que todas são formas válidas de organizar, simplesmente porque todas têm uma cultura que as legitima. Quem trabalha com O Passo reconhece esse princípio e mais do que a vontade de dialogar, tem os meios para fazê-lo. Por diversas vezes entramos em contato com músicas um primeiro momento incompreensíveis e aos poucos, fazendo as perguntas certas, conseguindo ler os pequenos indícios, reunindo as referências, conseguimos compreender.

A diversidade não deve ser algo que você simplesmente aceita, deve ser algo que de alguma forma você incorpora para a sua própria vida.

Interlúdio: Fale um pouco sobre uma possível relação que o método pode ter com questões contemporâneas de gênero, valorização de etnias invisibilizadas e defesa dos Direitos Humanos em contextos educativos.

Lucas Ciavatta: Quando escolhemos a frase "música como um direito" para o Instituto d'O Passo, buscamos deixar claro que partimos da ideia de Direitos Culturais inseridos nos Direitos Humanos. Fruir e fazer música é um direito humano. O Passo traz para o contexto escolar ferramentas que refletem esta visão mais ampla, o que implica em inúmeras possibilidades para a abordagem das questões contemporâneas mencionadas.

Um projeto pessoal, que aos poucos vai sendo abraçado pelos professores do Instituto d'O Passo, é o de erradicar no Brasil o analfabetismo musical. Como com muita clareza nos ensinou Paulo Freire, o analfabetismo só interessa a quem quer manter o povo na ignorância. A ideia e o discurso de que devemos preservar a autenticidade do músico analfabeto não se sustenta. Cada vez mais vemos excelentes músicos vindos da tradição oral se aproximando do sistema de notação musical por figuras — um sistema muito bem estruturado, limitado como qualquer outro e que dá acesso a informações como nenhum outro — e continuando a ser referências em suas comunidades de origem. O que o sistema de notação gráfica tradicional tem de especial é o contato que ele permite, a possibilidade de diálogo que ele abre. O Passo, reconhecendo a necessidade de conscientemente articular os três tipos de notação (oral, corporal e gráfica), lança pontes entre lugares muitas vezes isolados. Permite que uma pessoa cuja forma de organizar sua música passa primordialmente por notações orais, possa transitar com tranquilidade entre os três tipos e assim estabelecer diálogos antes impossíveis.

Interlúdio: Quais são os projetos atuais relacionados ou não com o Passo?

Lucas Ciavatta: Talvez o mais importante projeto nesse momento seja o próprio Instituto d'O Passo como o laço que permite o encontro de quem se compromete com o desenvolvimento contínuo d'O Passo. Essa construção é mais um processo do que um projeto, na verdade.

Atualmente somos 31 professores conectados para pensar juntos O Passo, vinte professores no Brasil (RJ, SP, PE, MG, MA e PR), oito na França, uma na Alemanha e um nos Estados Unidos.

Criamos na França uma associação diretamente ligada ao Instituto, que se chama Instituto d'O Passo - France.

Dentro desse projeto do Instituto o foco maior é a consolidação do Curso de Formação d'O Passo em seis módulos, 180 horas (os detalhes sobre a estrutura do curso estão no nosso site www.institutodopasso.org). Nossa ideia é a de que a formação de um professor d'O Passo deve ir além do domínio do conteúdo musical ou de procedimentos, técnicas e exercícios. A abordagem teórico/prática e a visão humana, são intrínsecas ao processo de ensino/aprendizagem com O Passo. Estamos no segundo ano do Curso de Formação no Brasil e no primeiro ano na França.

Fechamos em maio desse ano um projeto desenvolvido ao longo de 10 meses, no Conservatório de Besançon, na França, envolvendo 300 alunos de música e dança. Esse projeto teve coordenação artístico-pedagógica de minha filha, Isabela Ciavatta, que é percussionista, mestra de bateria dos blocos Charanga Talismã e Bloconcé. Esse projeto teve coordenação institucional de Thomas Nicol, um dos diretores do Instituto d'O Passo - France, e colaboração de Léa Gilet e Dona Borel, professoras do Conservatório de besançon e do Instituto d'O Passo. O mais bacana foi que o

projeto tratava justamente do encontro na diversidade com O Passo estabelecendo as pontes e os encontros. Na verdade, este foi um projeto que se insere numa ação contínua de incorporação d'O Passo na grade deste importante conservatório francês.

No Rio, estamos fechando o segundo projeto em parceria com o Grupo Komedi, que está acontecendo na ARONG, com patrocínio da Technip através da Lei do ISS. Eu estou na coordenação e o projeto está sendo brilhantemente realizado pelo Felipe Reznik, percussionista, diretor do Bloco do Sargento Pimenta, e pela Layla Waltenberg, integrante do Bloco d'O Passo.

Estamos buscando captar agora pela Lei do ISS para um projeto em parceria com a Redes da Maré. A Redes é uma das mais importantes organizações não governamentais da Maré (e talvez do Brasil, como exemplo de ação local com olhar global). Como a Redes já tem o Centro de Artes da Maré cujo foco principal são a dança e as artes cênicas e ideia é criar na sede da ONG, um Centro de Artes e Música, com foco em artes visuais, incluindo o lindo projeto de Azulejaria, da artista Laura Taves, e a música.

Um curso também importante pelas perspectivas que abrem aconteceu em maio em São Paulo, tendo à frente o Emiliano Castro, violonista e um dos diretores do Instituto d'O Passo. Chamamos de curso livre d'O Passo e é um formato no qual vamos investir.

Há também um trabalho importante com coros em Berlim, na Alemanha, feito pela professora Andrea Botelho. Algo que está em plena sintonia com os trabalhos da Taiana Machado, no Rio, e do Daniel Reginato, em São Paulo.

Interlúdio: Poderia definir o Passo em uma frase?

Lucas Ciavatta: Difícil... Já pensamos até em fazer um concurso com esse tema. Por muito tempo pensei em "O Passo é um martelo". Você pode bater um prego com uma pedra, mas um martelo nasceu para isso. Em outras palavras, se você quer bater um prego e quer minimizar os riscos de que ele entorte, use um martelo. Depois comecei a pensar em "O Passo é um torno", uma "ferramenta para fazer novas ferramentas". Alguém, em algum momento, falou: "O Passo é a socialização do poder da música". Algo que sabemos é que "O Passo é um método de alfabetização musical". Um importante detalhe é que ao falarmos "alfabetização" estamos considerando a solução de um sério problema que é o "analfabetismo funcional musical" — pessoas que sabem ler, mas não suingam; pessoas que leem, mas cuja leitura não faz sentido nem para elas mesmas, nem para ninguém.

